

Horta-Oca: espaço de convivência, habitação, trocas, aprendizagem e cultivo de ideias

Horta-oca: space for coexistence, housing, exchanges, learning and culture of ideas

LYRA, Joana; VIGNOLI, Lucia
Instituto Nacional de Educação de Surdos,
joanalyra@hotmail.com; luciavig@gmail.com

Tema gerador: Educação em Agroecologia

Resumo

O presente texto apresenta um relato de experiência sobre a horta-oca do Instituto Nacional de Educação de Surdos que vem sendo cultivada por professores de artes e alunos surdos com idade entre 8 e 21 anos. Iniciada em 2015 junto a uma turma de 1º ano do ensino fundamental, a horta-oca configura-se como um espaço de convivência, trocas, aprendizagens e cultivo de ideias. As práticas pedagógicas experimentadas e a utilização de ferramentas como a enxada, escavadeira e pá possibilitaram o agenciamento e ampliação das vivências corporais e sensoriais das crianças e jovens conforme os princípios da educação pela experiência e pela prática de Paulo Freire. A horta-oca, conectada à noção da Agroecologia, proporciona um ambiente favorável à revalorização de tradições e sabedorias populares e indígenas, ao encontro com a diversidade de saberes e sabores, à conexão com a terra e os ciclos da natureza e à reflexão sobre a relação entre ciência e arte, com ênfase em ações coletivas que promovam o Bem Viver. Ao relato das experiências vividas consolidado no formato de um diário das ações, agrega-se uma narrativa visual integrada por fotos e pequenos vídeos produzidos no curso do processo.

Palavras-chave: Arte; Agroecologia; Cultivo de ideias; Horta; Educação de Surdos.

Abstract

The text presents an experience report on the vegetable garden of the National Institute of Deaf Education that is being cultivated by art teachers and deaf students aged between 8 and 21 years. Begun in 2015 with a class of 1st year of elementary school, the horta-oca (garden-oca) is configured as a space for coexistence, exchanges, learning and cultivation of ideas. Experienced pedagogical practices and the use of tools such as the hoe, excavator and shovel made possible the agency and amplification of the corporal and sensory experiences of the children and young people according to the principles of education through the experience and practice from Paulo Freire. The horta-oca, connected to the notion of Agroecology, provides an environment favorable to the revaluation of popular and indigenous traditions and wisdoms, the

encounter with the diversity of knowledge and tastes, the connection with the earth and the cycles of nature and the reflection on the relation between science and art, with emphasis on collective actions that promote the Bem viver. The narrative of lived experiences consolidated in the format of an action diary adds a visual narrative composed of photos and small videos produced in the course of the process.

Keywords: Art; Agroecology; Culture of ideas; Garden; Deaf education

Contexto

A horta-oca do Instituto Nacional de Educação de Surdos vem sendo frequentada por professores de artes e por alunos surdos e configura-se como um espaço de convivência, trocas, aprendizagens e cultivo de ideias, no qual confluem temas e saberes relacionados às diversas disciplinas tornando potentes as questões de identidade, coletividade e natureza. A horta-oca reaproxima crianças e jovens ao convívio com a natureza, proporcionando a experiência em ambientes que ultrapassem a sala de aula e que favoreçam vivências plurais e significativas. Segundo Piorsky: “a natureza tem a força necessária para despertar um campo simbólico criador na criança”. Percebemos ser transformadora a vivência do plantio, observação da germinação das sementes, crescimento e colheita, uma experimentação artística plena.

Descrição da experiência

A horta-oca teve início nas mesas e estantes da sala de aula de artes, em pequenas sementeiras onde plantamos milho, feijão guandu e tomate. A alegria despertada nesse primeiro contato com as sementes e com a terra foi um estímulo para seguir adiante com o projeto. As crianças vibravam quando retornavam à sala de artes nos dias seguintes ao plantio e observavam a planta recém-despontada, verdejando. Alguns chegavam a pegar os recipientes com brotos para beijá-los com afeto. Regávamos e eram lembrados de ter cuidado com as plantas ainda frágeis. A partir dessa primeira experiência, a natureza passou a ocupar lugar central nas aulas de artes. Iniciamos então uma série de investigações: trabalhamos os sinais em Libras dos vegetais plantados, realizamos desenhos de observação das plantas em desenvolvimento, conhecemos histórias e contos populares com essa temática, criamos *mandalas* com colagem de sementes e fizemos passeios pela área externa do Instituto para observação e escolha de elementos naturais como folhas, galhos e sementes. A exploração do espaço externo do Instituto foi um exercício que agenciou novas percepções no encontro da natureza e da arquitetura do edifício, fundado em 1856, pelo Imperador Pedro II, trazendo mais informações a serem validadas. Foram construídas – inventadas - pequenas casas nos jardins com galhos, fibras naturais, folhas e barbantes com atenção aos elementos coletados. Essas atividades criaram um elenco de ações posteriormente trabalhadas e lembradas dentro de sala de aula em desenhos, anotações e registros. Uma rede de relações “rizomática” estabeleceu novos percursos e caminhos, portando potências geradoras de

outros projetos e ações, conforme a definição do rizoma encontrada em Deleuze e Guatarri:

“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." (DELEUZE & GUATARRI, 1992).

No processo, enfatizamos o estudo das expressões artísticas dos povos indígenas brasileiros, seus grafismos e a utilização de materiais encontrados na natureza. Através da pesquisa de material em imagens de fotografias e desenhos dos povos originários puderam observar a riqueza na produção de objetos utilitários, vestimentas para rituais e festas, construções e habitações. Foram produzidas pinturas e desenhos com tintas elaboradas a partir de materiais naturais como açafraão, urucum, beterraba e carvão. A manufatura dessas tintas artesanais trouxe mais uma camada de sentido aos processos vividos pelos alunos, por seu caráter de experimentação e revelação de “espírito científico”. Após alguns meses dessa investigação inicial partimos para ocupar um local onde outrora teria se realizado uma horta organizada por funcionários do Instituto. Desde nossa primeira visita, o local nos pareceu muito favorável para a realização do projeto. Encontramos um espaço de terra, de cerca de 100m², com árvores nativas tais como embaúba, goiabeira, e mamoeiros, além de outras espécies de médio e pequeno porte. O local preservava os canteiros remanescentes da antiga horta, prontos para a nossa ocupação. Constatamos que esse cenário já apresentava em si todas as condições para se pensar no desenvolvimento do projeto considerando a noção de agrofloresta, na qual árvores associadas no espaço e no tempo com espécies agrícolas e/ou animais combinam-se na mesma área. Aos poucos fomos planejando e abordando, durante as aulas, temas relativos ao início da agricultura e as formas pelas quais o homem começa a se fixar nos ambientes e utilizar os recursos disponíveis para a domesticação de espécies nativas. Nessa direção recorreremos a pesquisa sobre mapas – a noção de representação gráfica - dos diversos continentes com o intuito de conhecer características que dizem respeito à economia e geografia das diversas regiões. Reunimos novos conhecimentos sobre o manejo, adquirimos sementes, mudas e a partir de dessas trocas nos guarnecemos de muito entusiasmo para realizar o trabalho. O encontro com os fundamentos da Agroecologia se configurou estimulante para o desenvolvimento de relações com as outras disciplinas presentes no currículo escolar - ciências, biologia, geografia e história - bem como ao entendimento dos recursos naturais finitos do planeta. Nesse sentido, a aplicação de princípios ecológicos nos sistemas agrícolas valorizando os ciclos naturais em benefício da produção agropecuária, eixo conceitual da agroecologia, nos abriu a outras leituras de mundo. Leituras nas quais o reconhecimento de que a autonomia em relação ao uso de insumos industriais possibilita a produção de alimentos de alta qualidade biológica e nutricional, livres de contaminantes químicos e transgênicos, ao mesmo tempo em que conserva o solo, os recursos hídricos e a biodiversidade, promovem a emancipação social e econômica de agricultores. Todas essas formulações foram pensadas durante a concepção e produção do projeto, para que pudessem ser abordadas nas aulas. Nesta direção, Leonardo Boff (2004) ressalta que “para os povos originários a terra

não é um simples meio de produção. É um prolongamento da vida e do corpo. É a Pacha Mama. A Grande Mãe que tudo gera, alimenta e acolhe.” A dimensão sutil de comunhão com o outro, com o ambiente e com a Terra foi percebida através da alegria e envolvimento de todos os participantes e colaboradores na horta. “Em si a natureza tem a sua potência revelatória...mas pra que se revele é preciso que o homem conheça de sua semântica, sua linguagem, sua forma de se comunicar e produzir nova vida, se ramificar, se proliferar, de nascer e morrer.” (PIORSKY) Passamos a fruir o espaço com frequência nas aulas de artes e o nomeamos de horta-oca. “Oca”, do tupi guarani: casa. Assim, o nome traduz o desejo de que as crianças, jovens, professores e outros frequentadores possam estabelecer com este ambiente uma relação de afeto, intimidade, e acolhimento: ‘habitar’ a horta. Além disso, concebemos a horta como um local de valorização da memória e de saberes ancestrais que se alinham a práticas e vivências impregnadas de visualidades, modos de estar e nomear.

Da mesma forma que os indivíduos e os povos, a espécie humana tem uma memória, que nesse caso permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história... A busca pela memória de nossa espécie em todos os cantos do mundo acaba por reconhecer que, hoje, ela pode ser encontrada em meio às chamadas sociedades tradicionais e, mais especificamente, entre os povos indígenas do mundo (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015. p. 23, 24).

Demos sequência, a partir de então, a uma série de experimentos com alunos do ensino fundamental e ensino médio. Semeamos, plantamos mudas de ervas variadas, legumes, verduras, raízes, flores e frutas, buscando privilegiar o repertório de cultivos tradicionais das roças brasileiras. Foram agregadas pinturas nas paredes da horta, pinturas das pedras que delimitam os canteiros, e a produção de placas com os nomes para identificação dos plantios.

Resultados

Para além dos conteúdos intrínsecos à proposta da criação de um espaço de cultivo e observação da natureza, firmam-se laços de amizade e trocas contínuas nos quais a cooperação se mostra um potencial motor para as ações artísticas na escola. Para Roberto Corrêa dos Santos (2015) a arte contemporânea tem a necessidade política de conclamar pelo outro, pelo par, pelo conjunto. A experiência-ação na horta-oca vale-se da política da reciprocidade e do entendimento de processos colaborativos em arte. As bases iniciais do projeto horta-oca se afirmavam na possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de um currículo integrado, calcado em estratégias de ensino-aprendizagem diferenciadas para o exercício da interdisciplinaridade a partir de temas transversais. Ao longo do percurso fomos percebendo a ampliação de outras proposições tais como a ideia de cuidados - o planeta, o cuidado de si e do grupo - para uma política da amizade, exercida por todos os envolvidos. Conforme Capra (2003): “Através da horta também nos tornamos conscientes de que fazemos parte da teia da vida; com o tempo, a experiência da ecologia na natureza nos proporciona um senso de lugar.” Por uma ética da amizade, da colaboração e da reciprocidade reiteramos o propósito de por em prática a ‘co-

criação' de mundos possíveis, cultivando relações harmônicas entre todos para firmar o exercício da escuta ao outro.

Na amizade há uma conversa feita com palavras e sem palavras: a manifestação extrema do estar, que não admite cognição nem superposição nem autoridade. Trata-se de uma existência com a qual se pode contar na presença e na ausência: a proximidade nunca é suficiente, a distância nunca é demais. Trata-se de uma relação essencial, em que conhecer não é apenas uma opção entre várias, mas, a própria vontade de renunciar a conhecer, de declinar a interpretar, traduzir ou explicar: uma relação, então, na qual a voz de um e de outro se escutam mutuamente. (SKLIAR, 2014. p. 49)

Referências

BOFF, Leonardo. *“Ecologia: grito da terra grito dos pobres”*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CAPRA, Fritjof. *Alfabetização Ecológica: o desafio para a Educação do Século 21*, in *Meio Ambiente no Século 21*, coordenação de André Trigueiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIORSKY, Gandhi in <http://territoriobrincar.com.br/biblioteca-cat/dialogos-do-brincar/videoconferencia-2-crianca-e-natureza/>

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem: educar*, tradução Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TOLEDO, Victor M; BARRERA-BASSOLS, Narciso. *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*; tradução Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão popular, 2015.

CORRÊA DOS SANTOS, Roberto. *Cérebro Ocidente/Cérebro Brasil: Arte-escrita-vida-pensamento-clínica – Tratos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora Circuito: Faperj. 2015.